

POIS O FUTURO VOS PERTENCE!¹

Emprego de A a Z: a “necessária” instabilidade

Marcos Vinicius Ribeiro²

"Todos os dias leio nos jornais, revistas e assisto na tv que o mercado de trabalho está com déficit de mão de obra qualificada, mas quando vamos para realidade numa entrevista de emprego, somos exigidos por experiências práticas que a universidade não nos ensina. Se nos candidatamos à uma vaga de trainee, acontece a mesma situação, a preferência maior é sempre por candidatos que já possuem experiência, então fica mais uma questão, se todos lutam para melhoria da formação de nossos jovens, como um estudante que fica 8 horas diárias na sala de aula disponibiliza tempo para adquirir experiência? que é o meu caso. E mais tenho 27 anos, vou levar uns 10 anos para me firmar no mercado, aí estarei com 37 anos, e aos 40 já serei considerado velho, o que fazer?"³

No final da década de 1960, popularizaram-se no Brasil e nos demais países da América Latina, as medidas destinadas a implementação da pedagogia tecnicista. Em grande medida, a qualificação da mão de obra passou pela reestruturação do sistema de ensino. A educação tornou-se alvo de críticas quanto a baixa produtividade e passou por certas readequações que visavam instalar um paradigma produtivista no sistema educacional. Programas de meta foram estabelecidos para vencer problemas relacionados ao abandono escolar em período letivo (evasão escolar) e a repetência. O binômio desenvolvimento/segurança, característico da Doutrina de Segurança Nacional (DSN), hegemonizou as políticas educacionais no contexto das ditaduras civil-militares.

Tempos depois, no início dos anos 2.000, multiplicaram-se os estudos relacionados ao ingresso de jovens no mercado de trabalho⁴. Boa parte destes estudos problematiza os dilemas da juventude a partir do conjunto de práticas estabelecidas em torno da educação para a qualificação da população economicamente ativa (PEA). Jovens trabalhadores são descaracterizados em suas expectativas em favor de estatísticas que servem para justificar a

¹ Mural produzido em Outubro/Novembro de 2012. Coordenação: Marcos Vinicius Ribeiro. Estagiários: Alex Sander Sanoto, Inara Gabriela Figueredo Costa, Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho, Luana Milani Pradela, Lucas Blank Fano, Paulo Roberto da Costa Sartori e Vânia Grazielle Inocêncio.

² Professor do curso de História da Unioeste.

³ Relato de uma entrevista para emprego retirada de: <http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/primeiro-emprego-depoimento/55608/>. Acesso em 15/10/2012.

⁴ FAVERO, O. SPÓSITO, M. CARRARO, P. NOVAES, R. (Orgs.) *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília, Anped. 2007. CASTRO, J. AQUINO, L. ANDRADE, C. *Juventude e Políticas Sociais no Brasil*. Brasília, IPEA. 2009.

implementação de políticas públicas do Estado neoliberal. Carregam, em suma, a pecha desumana do futuro capital humano⁵.

No período prévio aos anos 2.000, durante a década de 1990, período de intensificação das reformas neoliberais, aumentaram as políticas estatais relacionadas a juventude e ao primeiro emprego. Estas ações permearam diversas iniciativas que, na teoria, visavam qualificar o trabalhador e incluí-lo no mercado de trabalho sem, contudo, levar em consideração as contradições históricas da realidade brasileira⁶.

Nesta ordem houve, também, crescente ataque a juventude com alertas sobre o aumento da marginalidade. Em boa medida, a juventude, assim como nos clássicos do cinema dos anos de 1960 e 1970, é analisada de forma maniqueísta⁷. O retorno a intervenções conservadoras na atividade de jovens passa por reformulações nas políticas públicas⁸. Ao analisar o Programa Nacional de Incentivo ao Primeiro Emprego (PNPE)⁹, regulamentado pela Lei 10.748/2003, alterada pela Lei 10.940/2004 e regulamentada pelo decreto 5.199/2004 percebe-se a preocupação em torno do tema. Este programa prevê, inclusive, bolsa¹⁰ para “empreendedores” que empregam jovens em situação de experiência.

Ao delimitar como foco do programa a faixa etária de jovens entre 16 e 24 anos, o PNPE propõe regulamentar algumas regras básicas para a experiência do primeiro emprego. Iniciativa importante uma vez que reconhece uma situação corriqueira em empresas e repartições públicas, ou seja, a presença de jovens, muitos em idade escolar, no mercado de trabalho. Mas, ainda assim insuficiente, pois restringe-se, especificamente, a experiência do

⁵ De maneira abrangente, considera-se aqui “Capital Humano” como o conjunto de iniciativas que visam estabelecer como norte do desenvolvimento econômico a melhor qualificação do/e para o trabalho. Fazem parte deste conjunto de iniciativas algumas ações delegadas às instituições de ensino estatais e privadas.

⁶ Não é objetivo deste pequeno texto problematizar todas estas contradições que são, por si mesmas, inumeráveis. No campo da educação, temos um exemplo com o falso discurso em torno da erradicação do analfabetismo. Com relação ao mercado de trabalho, podemos considerar a imensa propaganda do Estado brasileiro sobre o crescimento econômico presente, dentre outros, na insígnia “Brasil: um país de todos”. Mesmo Estado que busca incansavelmente destruir a previdência o que aumenta a sensação de aceleração da história para jovens trabalhadores que, em breve, não contarão com planos de aposentadoria ligados ao setor público.

⁷ Vale a pena conferir o clássico “Laranja Mecânica” do diretor Stanley Kubrick de 1971.

⁸ Como exemplo da disputa pela direção deste processo, podemos citar a iniciativa empresarial presente no discurso de Antonio Ermírio de Morares. Segundo o empresário, “*Dentro da atenção geral aos jovens, preocupa-me a crise moral que atinge muitos deles. Quem sou eu para dar lições de moral? Nunca tive essa pretensão. Mas não escondo minha apreensão com a penetração de valores que ameaçam as instituições básicas da sociedade brasileira, sem as quais não haverá democracia, muito menos liberdades individuais. Refiro-me especificamente aos valores ligados à ética do trabalho, à organização da família, à Justiça, aos mecanismos de controle social e ao amor à pátria.*” (MORAES, Antônio Ermírio de. *Somos todos responsáveis: De que tipo de juventude o Brasil precisa? De que tipo de país a juventude precisa?* São Paulo: Editora Gente, 2007. p. 61.)

⁹ Disponível em: <http://www.guiatrabalhista.com.br/tematicas/primeiroemprego.htm>. Acesso em 15/10/2012.

¹⁰ No texto da lei que institucionalizou o programa, lê-se: “*Os empregadores que atenderem aos requisitos, terão acesso à subvenção econômica no valor de 6 (seis) parcelas bimestrais de R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais), por emprego gerado.*” (Id. Ibid.)

primeiro emprego. O que, em realidade, não resolve o problema de jovens compreendidos na idade mencionada que há muito trabalham de maneira informal sem registro em carteira.

Concomitantemente a este movimento, acirrou-se na grande mídia a tentativa de dirigir o processo, principalmente, por meio dos programas de entretenimento cujo tema é o primeiro emprego. Ou então, programas cuja tônica principal é a grande chance¹¹. Nestes termos, voltamos ao dilema colocado pelos apologistas do “Fim da História”. Aquele que menciona, dentre outras situações, a inevitabilidade de adequação ao capitalismo devido a falência e desaparecimento de outras opções possíveis.

Os meios de comunicação repetem constantemente a liberdade experimentada pela juventude. Sob um discurso moralizante, investem maciçamente na desinformação, geralmente direcionada, neste caso, para o apoio ao trabalho desregulamentado. Nesta direção, podemos analisar como a situação coloca muitos jovens diante de um dilema histórico. Ou seja, as condições de ingresso no mercado de trabalho não acontecem de maneira semelhante para todos. Vivemos em uma sociedade marcada pelas contradições de classes onde muitos acabam relegados a segundo plano e são obrigados a esperar por uma nova chance. Como saída imediata, alguns buscam a qualificação para o trabalho. Ingressam em algum curso de contraturno bancado pelos poderes municipais ou entidades de classe.

Ou seja, cada vez mais se reconhece neste contexto a destruição dos direitos sobre o trabalho, e, quando a situação envolve a juventude, a destruição de uma condição humana também conquistada historicamente, qual seja, a de manifestar-se contrariamente ao esfacelamento de sua subjetividade em favor da lógica de competição imposta pelos ideólogos do livre-mercado¹². Mais uma vez, aspirações de vida são trocadas pela realidade da competição e o individualismo. O certo é que a competição nunca é igual.

Sem outra possibilidade, cabe a juventude ingressar no mercado de trabalho de maneira mais precária possível, a ponto de uma entrevista de emprego tornar-se uma maneira desqualificada de qualificar um indivíduo a uma vaga. A situação torna-se mais interessante para o neoliberalismo quando, neste “estado de coisas”, o jovem olha para o lado e não percebe qualquer possibilidade de solidarizar-se com outro jovem. Depois de conquistada a vaga, o quadro de hierarquia do novo emprego já está desenhado e a opção é adequar-se ao que já está estabelecido.

¹¹ Programas de TV como “O Apendiz” da rede Record de Televisão, “Emprego de A a Z com Max Gheringer” da TV Globo, “Mega Senha” da RedeTV, dentre outros. Atualmente, popularizou-se a proposta em outro formato voltado para a área artística: “Astro” da SBT, “Ídolos” da Record e “The Voice Brasil” da Rede Globo.

¹² Se retomarmos as ditaduras civis-militares – Brasil (1964-1985), Chile (1973-1990), Uruguai (1973-1985), Argentina (1976-1983) com seus milhares de torturados e desaparecidos, fica claro a tentativa planificada de acabar com toda uma geração criada no ambiente da contestação e contraposição ao projeto capitalista.

Com uma carga ideológica considerável, o jovem experimenta a realidade do primeiro emprego por meio da descaracterização de sua condição desde o início da busca pelo posto de trabalho. Os conselhos de alguns “especialistas” dão conta da mudança de comportamento que um jovem deve experimentar numa entrevista de emprego: “O candidato deve se vestir como a empresa se veste. Chegar à entrevista se parecendo com a empresa já é um grande começo”¹³.

¹³ Conselho de Max Gheringer no quadro “Emprego de A a Z” exibido no programa Fantástico da Rede Globo de 27/05/2007. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=8_4yzvx1Mj4. Acesso em: 15/10/2012.

A Ociosidade e o Discurso Moralista

*Luana Milani Pradela*¹⁴

*Lucas Blank Fano*¹⁵

O trabalho sempre ocupou um papel fundamental na vida dos homens e mulheres, e adquiriu diferentes sentidos no decorrer da história. No período medieval, por exemplo, o trabalho era considerado indigno pelo discurso moralista das elites apoiadas no catolicismo, enquanto o tempo ocioso era algo importante, pois permitia que as pessoas se dedicassem a outros assuntos, como as guerras e as orações. Hoje o discurso moralista mudou, a ociosidade tornou-se sinônimo de preguiça e, deste modo, o trabalho passou a ser visto como necessário para que sejamos aceitos na sociedade. Assim, quanto mais trabalhamos, mais dignos somos considerados no meio social.

O sentido assumido pelo trabalho hoje, apoiado pelo discurso disciplinador, é resultado do desenvolvimento capitalista ao longo dos anos. Desde a Revolução Industrial o ritmo do trabalho tem aumentado, fazendo-se necessário uma maior quantia de mão-de-obra disponível no mercado e, desta forma, o maior incentivo ao trabalho explica-se pela intensificação da produção de bens e serviços.

É, portanto, esse discurso moralista contra a “ociosidade” que pressiona o jovem a procurar um emprego antes mesmo de terminar o ensino médio, impulsionado ainda pela necessidade de contribuir para a renda familiar ou pela possibilidade de ganhar o próprio dinheiro. A moral do trabalho é identificado nas falas de vários economistas, industriais e comerciantes. Uma evidência disso pode ser percebida no trecho abaixo, retirado do blog pessoal do economista Francisco Castro:

Não podemos perder uma parte dessa geração para o ócio, temos que levar esses jovens para o mundo produtivo, oferecendo-lhes oportunidades para que possam participar efetivamente da economia.

Como podemos perceber, há uma preocupação em oferecer oportunidades aos jovens para que participem da economia. No entanto, o caráter destas “oportunidades” é duvidoso. Sem experiência no mercado de trabalho, o jovem geralmente precisa aceitar a primeira proposta que é oferecida, na maioria das vezes um trabalho em que se faz muito e se ganha pouco. No discurso moralista do trabalho parece que o empregador está fazendo um favor possibilitando o ingresso dos sujeitos no mercado de trabalho, “oferecendo-lhes

¹⁴ Acadêmica do 2º ano de História da UNIOESTE.

¹⁵ Acadêmico do 3º ano de História da UNIOESTE.

oportunidades” como escreve o economista. Na realidade, a lógica se inverte e, tendo que vender a força de trabalho, é o jovem que acaba “fazendo um favor”, sem dar-se conta, ao empregador. No depoimento abaixo retirado de um fórum de debates online sobre a experiência do primeiro emprego, observamos a exploração do trabalho:

[...] trampei em shopping durante 1 ano segunda a segunda sem hora para entrar e sair no natal fiz muitas horas extras para no começo do ano novo não recebi um centavo se quer a mais graças a deus sai de lá.

O trabalho, como vemos no depoimento acima, faz com que o indivíduo precise organizar seu tempo de outra maneira. Assim, várias são as mudanças ocorridas na vida desta pessoa, que passa a vivenciar o cotidiano inserido no competitivo mercado de trabalho.

De acordo com o depoimento analisado, percebemos que o horário de trabalho do jovem ocupa muito de seu tempo. Isso é problemático, pois entendemos que nessa etapa da vida o estudo é mais importante que o trabalho. Como acontece em muitos casos, quando o jovem começa a trabalhar – devido a intensificação da carga horário do trabalho, inclusive tendo que fazer horas extras – seu rendimento escolar tende a cair. Isso decorre da pressão imposta ao jovem diante do primeiro emprego, que faz com que ele foque sua atenção no trabalho, perdendo o interesse pelo estudo, pois passa a vê-lo como uma ponte para o “sucesso” profissional.

Portanto, o discurso disciplinador não aborda as condições e conseqüências advindas desse trabalho e, sim, convence o jovem que ingressar o mais rápido possível no mercado de trabalho, não importando as condições impostas pelo patrão, é a melhor alternativa para sua vida pois combate a ociosidade. No entanto, essa moral considera toda forma de produção que foge da lógica contemporânea do trabalho como ociosidade quando, na verdade, o tempo considerado “ocioso” pode ser utilizado para inúmeras outras atividades que contribuirão de fato na vida do jovem, como ler, escrever, sair com os amigos, entre outras atividades essenciais na formação humana.

Segundo o mesmo economista, a ociosidade “pode não ser fruto somente de preguiça, mas de algo mais complexo que deve ser investigado e eliminado”. Neste ponto concordamos com ele. Mas, o que deve ser eliminado (ou modificado) é a forma como se apresenta o trabalho para o sujeito em nossa sociedade, um trabalho precário, intensificado e pouco recompensador: tanto na questão do conhecimento adquirido com o emprego quanto no sentido financeiro. Em outras palavras, um trabalho onde a exploração do patrão sobre o “aprendiz” tornou-se comum, e é pouco questionada.

Jovens estagiários? Ou trabalhadores estagnários?

Paulo Roberto da Costa Sartori¹⁶

Vania Grazielle Inocência¹⁷

Em tempo de intensas transformações nas estruturas da sociedade, hoje o trabalho se configura de uma maneira totalmente diferente do que víamos algumas décadas ou alguns anos atrás, mudanças que se devem principalmente pelas tentativas de maior acumulação de capital. Os mecanismos para essa reorganização do trabalho, são os mais diversos, mas podemos citar dentre alguns a flexibilização, a terceirização e a precarização do trabalho, o que tem ocasionado a fragilização das relações trabalhistas e um número crescente no desemprego. Nesse campo da precarização se insere o estágio, como mais uma de suas faces.

O estágio, enquanto categoria de trabalho é preenchido principalmente por jovens, os novos trabalhadores que estão entrando no mercado de trabalho e que veem grande dificuldade em conseguir algo, pela grande competitividade do mercado e sua inexperiência, além do desemprego que cresce mais nessa categoria, que o do restante da classe trabalhadora, assim o estágio acaba sendo a última ou a única alternativa.

O estágio é visto e procurado pela grande maioria desses jovens, para além da possibilidade de ingresso no mercado de trabalho, procuram a oportunidade de cumprirem o estágio obrigatório de sua grade curricular, além de uma oportunidade de aprendizado e crescimento dentro dessas empresas, e principalmente a remuneração como uma forma de sobrevivência ou complemento de sua renda para outras necessidades.

O conceito de estágio segundo, a lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, é definido como:

[...] ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

Porém, quando nos deparamos com a realidade da grande maioria dos estagiários, percebemos que esse ato educativo muitas vezes não acontece e nem é uma regra a ser seguida pelas empresas, pois estes em sua grande maioria são estágios em áreas distintas da formação desses jovens, que executam tarefas que nada acrescentam em sua formação

¹⁶ Acadêmico do 2º ano de História da UNIOESTE.

¹⁷ Acadêmica do 4º ano de História da UNIOESTE.

acadêmica, e seguem a lógica das competências exigidas pelo mercado. Como nos aponta a entrevista de uma estagiária:

[...] o estágio acaba não sendo o que deveria ser: um período de aprendizado, aplicação e desenvolvimento do que aprendemos na faculdade. Está longe disso. [...] muitas empresas acabam utilizando o estagiário como mão de obra barata, para atividade que não vale a pena colocar um efetivo. Ao fim do período de estágio, eles apenas substituem o estagiário por outro. [...]. É uma exigência do mercado de trabalho. Mas acho que é um modelo extremamente equivocado e que pensa somente no curto prazo: o estudante deixa de fazer a faculdade como deveria, com a dedicação que seria necessária, para estagiar, e no estágio acaba não aprendendo muita coisa.

Nesse sentido, esses estagiários cumprem tarefas e competências de um profissional com carteira assinada, sendo exigidas metas e responsabilidades elevadas, ritmo de trabalho intenso, sem conta na remuneração extremamente baixa. Assim, não possuem quaisquer tipos de direitos, mesmo os mais simples já garantidos pela luta dos trabalhadores, como exemplo, décimo terceiro, seguro desemprego, FGTS e carteira assinada, configurando um trabalho extremamente precarizado. Para além disso, a lei do estágio que visa regularizar essa relação, não dá conta e ainda legitima essas práticas de dominação e fragilização das relações trabalhistas, arrojando os direitos estabelecidos, para que essas empresas tenham mais e mais lucros.

Essa realidade não se encontra distante, ela se manifesta até mesmo na Universidade. Hoje o quadro de funcionário da Unioeste, Campus Marechal Cândido Rondon, conta com pouco mais de 100 técnicos, e possui cerca de 65 estagiários, o que equivale quase a 1 estagiário por trabalhador efetivo. Cumprindo e tapando buracos de trabalhadores concursados, visando baratear o custo para o governo, precarizando o ensino, pois de um lado temos laboratórios operados por “aprendizes” ao invés de um profissional, e de outro, estudantes que realizam tarefas que não são parte de sua formação. Assim, percebemos como essas práticas de precarização encontram eco não somente nas empresas, mas também nas práticas neoliberais de nossos governos.

Para além dos problemas já apontados, podemos nos questionar ainda quais são as possibilidades de organização desses jovens estagiários, afinal de contas, não são representados por um sindicato e nem são reconhecidos enquanto classe trabalhadora, pairando enquanto uma nova e distinta categoria.

Um trabalhador em construção

*Inara Gabriela Figueiredo*¹⁸

*Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho*¹⁹

*Sem trabalho eu
Não sou nada
Não tenho dignidade
Não sinto o meu valor
(Legião Urbana)*

No censo feito pelo IBGE em 2010, calculou-se que a população de Marechal Cândido Rondon era de 46.819 habitantes. Desses habitantes, têm-se a estimativa de que 12.866 pessoas trabalham com carteira de trabalho assinada. Em uma pesquisa feita por Gemelli e Carvalhal (2006) com jovens rondonenses sobre a procura pelo primeiro trabalho, em sua grande maioria responderam que vão em busca de novas experiências.

Durante o século XVIII o sentido do trabalho era completamente diferente do que podemos observar em nossos dias atuais. O artesão poderia exercer seu trabalho de acordo com os prazos que ele próprio estabelecesse, sem que precisasse deixar seus outros afazeres e havia tempo para seu lazer. Ele comandava seu tempo. Em qualquer dia da semana, poderia sair e ir na taberna, local que se encontrava com outros artesãos sem que precisasse se preocupar, pois, já teria trabalhado o suficiente para sua sobrevivência. A natureza do trabalho mudou quando o relógio foi disseminado, e para adaptá-la a este novo sistema, havia agora a contagem do tempo e a disciplina árdua no trabalho, que acabou se tornando monótono, extenuante e precário.

É difícil encontrar alguém que trabalhe porque goste do emprego, a maioria o faz exclusivamente porque precisa deste meio para sobreviver. Constantemente encontramos pessoas desiludidas, que vão todos os dias para seus trabalhos, fazem o que tem que ser feito. No final de mais um período, a única esperança que lhes parece possível, corresponde apenas à aposentadoria. No qual acreditam que poderão ter uma vida melhor, com menos preocupações e responsabilidades, mais tempo para se dedicar à família, ao lazer, ao descanso. Possivelmente não se dão conta de que estão adiando a própria vida.

Quando nos propomos a pensar nos significados que o trabalho tem para estes jovens, é necessário que pensemos quais são os motivos que os levam a trabalhar. Para além da experiência de um primeiro emprego, a necessidade de ajudar com as despesas de casa são fatores fundamentais na vida desses jovens. Portanto, seria errôneo afirmarmos que estes

¹⁸ Acadêmica do 1º ano de História da UNIOESTE.

¹⁹ Acadêmica do 3º ano de História da UNIOESTE.

jovens procuram emprego apenas como formas de aprendizado, se levarmos em consideração que muitos destes não visam continuar trabalhando no atual emprego em que estão. Através disto, é perceptível a separação do trabalho como algo satisfatório.

Um grande influente do comércio e principalmente das indústrias têm sido os SINE's, dos municípios. O SINE é um órgão representativo da prefeitura no qual as pessoas procuram para preencherem formulários de vagas para encontrarem trabalho. Cada SINE funciona de uma forma, mas em sua grande maioria há um formulário que contém o “perfil do trabalhador” para as determinadas empresas. Ou seja, você precisa atender as demandas do mercado: ser um funcionário exemplar, ir trabalhar mesmo estando doente, estar contente com as condições postas pela empresa, enfim, “vestir a camisa” do local que te cedeu o trabalho.

Em nossa sociedade o trabalho é acarretado de conotações negativas, pelo fato de que a força de trabalho do trabalhador tornara-se no decorrer dos séculos forma de mercadoria, viabilizando lucros para os grandes proprietários de indústrias e comércio. Dessa forma, é comum ouvirmos sem muita alegria, quando pedimos pra um jovem relatar sobre sua primeira experiência de trabalho. Há uma indisposição causada pelo próprio fato de que começam trabalhando acreditando que poderão adquirir bens consumíveis e quando na verdade, o mísero salário mal dá pra pagar as contas das necessidades pessoais, isso quando não precisam ajudar nas despesas familiares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, J. AQUINO, L. ANDRADE, C. (Orgs.) **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília, IPEA. 2009.

DAMIANI, Daniel Fortuna. **Estágios profissionais: precarização do trabalho e dominação**. Porto Alegre: UFRGS. 2009.

FAVERO, O. SPÓSITO, M. CARRARO, P. NOVAES, R. (Orgs.) **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília, Anped. 2007.

GEMELLI, Diane Daniela; CARVALHAL, Marcelo Dornelis. Jovem e Mercado de Trabalho: Aspectos e Perspectivas. In: **Revista Pegada**, vol. 7, número 2: Novembro de 2006.

MORAES, Antônio Ermírio de. **Somos todos responsáveis: De que tipo de juventude o Brasil precisa? De que tipo de país a juventude precisa?**. São Paulo: Editora Gente, 2007.

POCHMANN, Marcio. **Situação do Jovem no Mercado de Trabalho no Brasil: um balanço dos últimos 10 anos**. São Paulo: Fevereiro de 2007.

LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm.

SÍTIOS CONSULTADOS

<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/primeiro-emprego-depoimento/55608/>. Acessado em 15/10/2012.

<http://www.guiatrabalhista.com.br/tematicas/primeiroemprego.htm>. Acessado em 15/10/2012.

http://www.youtube.com/watch?v=8_4yzvx1Mj4. Acessado em: 15/10/2012.

<http://blogdefranciscocastro.blogspot.com.br/2012/09/a-ociosidade-esta-comprometendo-as.html>. Acessado em Outubro de 2012.

<http://forum.outerspace.terra.com.br/index.php?threads/sua-experi%C3%A7%C3%A3o-com-primeiro-emprego.112228/>. Acessado em Outubro de 2012.